

ESPAÇOS RELIGIOSOS DE TEOLOGIA INCLUSIVA: CONSIDERAÇÃO DA ALTERIDADE OU DO PROCESSO DE HOMOSNORMATIZAÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL?

José Goncalves da Silva¹
Maria Juliana dos Santos Farias²
Manuela de Freitas Oliveira³
Cintia Gonçalves dos Santos⁴

A oferta religiosa para LGBTQIA+ tem aumentado significativamente nos últimos anos e a proliferação de Igrejas Inclusivas no Brasil segue uma dinâmica semelhante ao campo religioso de ordem pentecostal brasileiro (marcado por rituais e “revelações”) tanto nas estratégias para agregar adeptos, na estrutura hierárquica e organizacional, como nas formas de ler e interpretar os textos bíblicos. As trajetórias religiosas anteriores dos/as líderes fundadores/as das igrejas inclusivas (grande parte advindos de igrejas pentecostais) são fundamentais para a compreensão da dinâmica das instituições religiosas e de suas formas de manutenção quanto as práticas de adoração e poder. No entanto as igrejas instaladas na cidade do Recife partem da filosofia inclusiva num contexto de homonosrmatização das identidades homossexuais, baseadas numa força de controle e poder das identidades subalternizadas. A pesquisa em tela se configura como uma análise numa abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo, através de uso do diário de campo, grupo focal e das analise das observações realizadas nos encontros de atividades religiosas como cultos, acampamentos, show de talentos e outras. Tendo como campo empírico as igrejas que permeiam a teologia inclusiva como a CCNE, (Comunidade Cristã Nova Esperança), Igreja Cristã Contemporânea e a Igreja Novo Templo situadas na cidade do Recife além de locais com reuniões religiosas promovidos por líderes religiosos de orientação homossexual.

Palavras-chave: HOMOSNORMATIZAÇÃO, IDENTIDADE HOMOSSEXUAL, ALTERIDADE, GUETO RELIGIOSO, TEOLOGIA INCLUSIVA

INTRODUÇÃO

¹ Mestrando do Curso de Mestrado Profissional em educação Básica–Universidade Federal de Pernambuco–UFPE: andressilva18@hotmail.com;

² Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em educação Básica–Universidade Federal de Pernambuco–UFPE: maria.jsfarias@ufpe.br;

³ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em educação Básica–Universidade Federal de Pernambuco–UFPE: manufreitas100@gmail.com;

⁴ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em educação Básica–Universidade Federal de Pernambuco–UFPE: cintia.santos@prof.educ.rec.br;

*O referido projeto se configura em caráter de pesquisa a partir de estudos da disciplina Educação em direitos humanos que coaduna com nossos objetos de pesquisa e realização do produto final de cada estudante que se encontra em andamento.





As igrejas inclusivas são um fenômeno recente no Brasil, surgido a partir do final dos anos 1990 com a articulação de alguns grupos homossexuais que discutiam religião e homossexualidade por se sentirem excluídos e hostilizados em suas igrejas de origem. Mas é somente a partir do início dos anos 2000 que acontece uma proliferação de diversas denominações religiosas inclusivas no Brasil

A expansão das igrejas inclusivas se dá não apenas pela experiência de exclusão de seus líderes nas suas igrejas de origem, mas, sobretudo pela configuração de importantes diferenças teológicas e de adoção de condutas morais (sexuais) entre as próprias igrejas inclusivas. Natividade (2008), fomenta que da mesma forma em que é possível perceber diversos modos com que estas “novas” igrejas lidam com a diversidade sexual é possível também perceber diferenças na forma como constroem suas concepções de “femininos” e “masculinos” contribuindo assim para a construção de uma identidade homossexual.

De acordo com registros de Borrilo (2010) essas concepções de papéis diferenciados masculino e feminino se dá de forma heteronormativa pois é preciso exercer a homossexualidade dentro de um padrão normativo, a ideia de que o sujeito masculino dentro do espaço religioso se porta de forma mais jogada e atravessada para conquistar seus pares dentro do espaço religioso, advém de comportamentos exercidos hoje na sociedade atual.

Woorward (2014) vê a identidade como “o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significação” ressaltamos a identidade homossexual é algo que está em plena movimentação e que o fato da identidade gay não ser bem aceita socialmente faz que a interação entre o indivíduo portador da identidade homossexual com a sociedade sofra conflitos: “o conflito vem da noção de que sua própria identidade consiste nas relações do ‘eu’ com o ‘outro’.

Assim como o indivíduo percebe estar em desacordo com os padrões sociais, e que a sociedade lhe reserva, a rejeição passa também a fazer parte da identidade do sujeito, com isso é preciso ponderar que os muitos discursos produzidos nos campos da teologia inclusiva tem se equiparado com uma ordem repressora e normatizadora, pois no que ressalta Foucault (1988,p. 16) dizer que o sexo e as muitas formas de manifestação da sexualidade que fogem de uma norma padrão culturalizada então empoderadas por uma ordem de poder e repressão o que na fala do autor em foco é chamada de hipótese repressiva o que originaria uma mecânica do poder dadas pela censura e interdição/negação. Bauman (2005) nos coloca que é preciso lembrar que muitos os elementos de ação negativa e as muitas proibições, recusas e censuras tem contribuindo para a produção de identidades subalternizadas.

Contudo é preciso enfatizar que o campo das igrejas inclusivas está permeado também por disputas de ordem e poder. Nesse caminho ressaltamos a fala de Michel Foucault (1995) que considerou como relação de poder toda relação que compromete o ser humano.

Vendo por este ângulo, toda ação do cotidiano, mesmo a menor e a mais banal, constitui uma relação de poder, com isso exemplificamos os discursos realizados nos cultos de evangelismo e de casais onde se existe uma pregação quanto a construção da família, a proibição da promiscuidade no casamento e outros permeados por uma lógica homosnormalizadora.

Burity (2006, p. 36-37) nos mostra que a literatura tem mostrado que outras discussões tem ganhado força no campo da inclusão social por exemplo, tem havido uma grande problematização do controle das sexualidades, quanto a questão das diferenças que comumente tem sido avistadas como ameaças da ordem vigente, no algo desestabilizador de padrões homogeneizadores, a diferença na ótica do autor são apenas expressões da “diversidade” social e cultural cuja repressão e subalternização custaria mais do que seu reconhecimento.

Por outro lado, este assunto permanece como um tabu ainda maior nas igrejas cristãs tradicionais (“evangélicas” e católicas) quando, da discussão teológica sobre a problemática da homossexualidade, passa-se à definição de proposições práticas para inclusão de fiéis e principalmente, para a aceitação da homossexualidade daqueles que exercem algum ministério nestas Igrejas. Mais recentemente temos observado também que existe entre teólogos uma crescente discussão sobre a necessidade de realizarem uma “teologia inclusiva”, ou seja uma teologia que inclua homossexuais, uma “teologia gay” e ainda de forma mais contundente, o que tem sido chamado por alguns teólogos como Natividade, 2003; Giumbelli, 2005) de Teologia Queer⁵.

Discursos mais recentes em torno da homossexualidade no campo das Igrejas Cristãs, sob, principalmente, o ponto de vista de teólogos, apontam para “a necessidade de uma interpretação contextual e não homofóbica/sexista da Bíblia”. André Sidnei Musskopf teólogo ligado a IECLB⁶, participante das discussões de gênero e Teologia feminista nesta Igreja, em sua dissertação intitulada *Talar Rosa* Musskopf, (2004), discute exatamente a ordenação de

⁵ Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. (...) este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade. Queer representa a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (Louro, 2001: p. 546). Ver também Lauretis (1991) que fala do uso do termo Queer em contraposição ao uso do termo Gay/Lésbica.

⁶ Igreja Evangélicas de Confissão Luterana do Brasil.

pastores homossexuais. Nesse caminho de acordo com a fala de Natividade (2006), a homossexualidade tem sido nos últimos tempos, amplamente discutida em algumas Igrejas autodenominadas “Cristãs”, frequentemente buscando embasamento bíblico para repudiar ou justificar a tentativa de “cura” deste “mal” espiritual ou físico. Deste modo, uma espécie de “heterossexualidade compulsória” (Rich, 1999) – entendida como a base de toda uma ordem que beneficia com poder os homens que subordinam as mulheres em suas relações sociais e que não se relacionam afetivamente com outros homens – é advogada historicamente, nos Antigo e Novo Testamentos e acionada pelas mais diferentes denominações cristãs. (Navarro-Swain, 2000; Deifelt, 1999).

REFERENCIAL TEÓRICO

Consideramos de fundamental importância que se perceba quais articulações entre sexualidade e religiosidade cristã estão sendo tecidas na reflexão sobre a homossexualidade no campo religioso brasileiro (Giumbelli, 2005). A discussão passa pela Igreja Católica, no Brasil, concentrando-se entre teólogas ligadas ao grupo Católicas pelo Direito de Decidir (Rohden, 1995) e mais recentemente ao grupo “Diversidade Católica” (Lima, 2008).

Mas circula também em diferentes igrejas protestantes como a IECLB (Musskopf, 2004 & 2008), que oficialmente entre seus dirigentes tem discutido a questão da homossexualidade, observando diferentes pontos de vista e entre pentecostais, mesmo que seja na tentativa de “converter” as pessoas as condições comportamentais da heterossexualidade para uma “homossexualidade não ativa” (aconselhando o celibato) (Natividade, 2003; Giumbelli, 2005).

É válido ressaltar que os aconselhamentos a práticas de celibato estão atravessadas por um movimento de negação daquilo que é anormal, perverso aberrante nesse sentido Foucault (2001, p. 69) vem ressaltar a presença dos monstros humanos que se equipara com as muitas práticas que estão fora dos ditos conceitos de “normalidade” vistos assim não só como uma violação das leis da sociedade, mas também uma violação das leis da natureza.

Cabe aqui lembrar que a ideia de “cura” da homossexualidade não é difundida e defendida apenas nas igrejas. No entanto o surgimento de igrejas que não são discriminatórias em relação às sexualidades que fogem à heterossexualidade – *Igrejas Gays*, ou, Igrejas para o público LGBT, ou ainda, Igrejas que incluam a comunidade homossexual – *Inclusiva* configura-se como homonosmatizador, um importante fenômeno a ser observado no campo religioso brasileiro.

Vejamos que esse processo de inclusão e aceitação dessas identidades homossexuais

passam pelo conceito de alteridade que tem por objetivos a convivência democrática e igualitária entre diferentes grupos, recebendo denominações plurais também nas diferentes partes do globo.

A tão desejada aceitação enquanto orientação sexual é algo de grande significação para sujeitos homossexuais, pois, nesses espaços eles podem manifestar todo seu lado efeminado, brinçalhão e assumir outras posturas sem condenação como na fala abaixo que menciona a contribuição do espaço religioso enquanto autoafirmação da identidade homossexual;

Preciso dizer que a igreja me faz mais feliz, lembro-me do quanto eu chorava por não ser aceito, e por não respeitarem minha identidade. Eu cantava em grupos de igreja (tradicional), mas a negação do que sou me consumia todos os dias eu não poderia deixar passar o que sou um instrumento de Deus, eu não poderia deixar passar a minha homossexualidade que gritava de mim por uma libertação/aceitação. Hoje sou feliz na minha igreja canto, danço e louvo... Feliz por me aceitarem e por ser o que eu sempre desejei um gay cristão... dentro dos padrões do evangelho. (Integrante da CCNE – Recife).

As muitas identidades como na fala de Hall, (2002, p.35) fomenta as grandes movimentações num contexto pós-moderno assim chamada “ crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

“O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” Hall (2002, p38)

O conceito de Identidade transformou-se no tempo e é claro ver as transmutações que assistimos hoje é algo relevante para nossa formação, com esse enfoque ressaltamos a exemplo identidade gay que está atrelada a diversidade e aos processos de identidade humana quanto a sua formação e consolidação na produção das subjetividades dos sujeitos seja ele homossexual ou não. No que tange à identidade, Hall (2004) coloca-nos que a identidade do sujeito pós-moderno é concebida não mais como fixa, essencial ou permanente. Definida historicamente, a identidade do sujeito pós-moderno é, ao contrário, fragmentada, descentrada e deslocada. *Agora, a “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. ”* (HALL, 2004, p. 13).

Nesse sentido, Bauman (2005) destaca a fragilidade dessa nova identidade pós-moderna: “A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas Bauman, (2005, p. 22).

Tal fragilidade aponta para a questão da ambiguidade que está ligada aos processos de identidade. Se, por um lado, o anseio por identidade reflete um desejo de segurança, de não

flutuar sem apoio e estabilidade num espaço indefinido ou pouco definido, por outro lado, a conquista de uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades parece não representar uma perspectiva atraente para os sujeitos pertencentes a uma comunidade homossexual.

Metodologia da Pesquisa

A pesquisa em análise configura-se numa abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo. Para Ludke e André (1986) a pesquisa qualitativa desenvolve-se numa situação natural, é rica em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e dá foco à realidade numa dimensão complexa e contextualizada. O estudo terá como campo empírico as igrejas que permeiam a teologia inclusiva como a CCNE, e a Igreja Cristã Contemporânea e a Igreja Novo Templo situadas na cidade do Recife além de locais com reuniões religiosas promovidos por líderes religiosos de orientação homossexual.

O processo de coleta de dados se dará de forma processual com o método do diário de campo e do método de observação que ponderado por Vianna (2003,12) é uma crucial fonte de informações em pesquisa qualitativa, no que se dirige as muitas anotações detalhadas que irão constituir os dados significativos das observações, cabendo ao observador saber ver, identificar e descrever diversos tipos de interações e processos humanos.

Os registros do diário de campo buscam compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos, ao seu contexto, a sua cultura, assim a descrição se utiliza de técnicas voltadas para um detalhamento denso do contexto estudado Ludke & André, (1986).

Nesse caminho num segundo momento seguimos para o grupo focal que é um grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de caráter qualitativo em profundidade Gomes & Barbosa (1999).

O grupo focal será regido por perguntas que norteará os aspectos da identidade homossexual, inclusão e teologia inclusiva que irá acarretar outras discussões que nos dará de forma minuciosa a compreensão da movimentação das muitas identidades que surgem e dos discursos que contribuem ou não para a produção das subjetividades.

Essa questão chave irá desencadear outras discussões de cunho informativo e qualitativo além das indagações levantadas no grupo focal que irão gerar uma discussão em torno de nossas categorias teóricas: identidade, homossexualidade, inclusão social, alteridade e teologia inclusiva bem como o uso do método transcrito que permitirá assim uma análise minuciosa dos discursos existentes de diferentes cunhos, que serão analisados de uma visão dos preconceitos existentes (homofobia, intolerância exclusão, inclusão, religiosa e outros) por parte de movimentos religiosos ditos e vistos como legítimos e dos muitos espaços analisados



como os espaços normatizadores de adoração (cultos, encontros evangelísticos, retiros e shows de música gospel) onde se é pregado discursos de louvor e adoração para um público de origem homossexual.

Porém, esses traços metodológicos na pesquisa, trará de forma concreta indagações cotidianas presentes em espaços religiosos permeados pela teologia inclusiva que visam igualdade de direitos, respeito e tolerância quanto a sua identidade homossexual e identidade cristã, promovendo assim um discurso humanista embasados numa cultura de paz entre as sexualidades e religiões.

REFERENCIAS

AMARAL JR, Aécio,org. BURITY, Joanildo de A. org. Inclusão Social, Identidade e Diferença: Perspectivas pós estruturalistas de Analise Social. Ed: Annablume 2006

BORRILLO, Daniel. Homofobia: História e Critica de um preconceito
Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 141 p.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Comunidade Cristã Nova Esperança: <http://www.ccnei.org>

DEIFELT, Wanda. Os Tortuosos Caminhos de Deus: Igreja e homossexualidade. In: Estudos Teológicos, v. 39 n.1, 1999.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 12ª edição. Petrópolis –RJ.

_____. (2001), Os anormais, curso no Collège de France (1974-1975), São Paulo, Martins Fontes.

GIUMBELLI, Emerson (org.). Religião e sexualidade: Convicções e responsabilidades. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

GOMES & BARBOSA. A técnica de grupos focais para a obtenção de dados qualitativos. Instituto de pesquisa e inovações educacionais. - Educativa, 1999 Médicas, 1994.



GREEN, James Naylor; TRINDADE, Ronaldo (Org.). Homossexualismo em São Paulo e outros escritos. São Paulo, Ed. UNESP, 2005.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

_____. A questão multicultural: Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

Igreja da Comunidade Metropolitana no Brasil: www.icmbrasil.com.br e www.icmbrasil.org

Igreja Cristã Contemporânea: www.igrejacontemporanea.com.br

Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: www.ieclb.org.br

LUDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. A pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU 1986.

LIMA, Luís Corrêa. A homossexualidade e o discurso contra hegemônico na Igreja Católica. Apresentação Oral. IV Congresso da ABEH. São Paulo, Setembro de 2008.

MUSSKOPF, André S. Uma brecha no armário: Propostas para uma Teologia Gay. São Leopoldo: EST, 2004.

_____. Talar Rosa: Um estudo didático-histórico-sistemático sobre a Ordenação ao Ministério por Homossexuais. (Dissertação: Mestrado em Teologia), Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2004.

_____. Via(da)gens teológicas : itinerários para uma teologia queer no Brasil Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2008.

NATIVIDADE Homossexualidade, Gênero e Cura Em Perspectivas Pastorais Evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21(61), 2006.

_____. *Carreiras Homossexuais e Pentecostalismo: Análise de biografias.*

Dissertação: Mestrado em Saúde Coletiva), UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

NAVARRO-SWAIN, Tania. O que é lesbianismo. São Paulo, Brasiliense, 2000.

RICH, Adrienne. La heterosexualidad obligatoria y la existencia lesbiana IN: Navarro, Maryas e Stimpson, Catharine (compiladoras), 281 Sexualidad, género y roles sexuales, Argentina, Fondo de Cultura Económica, 1999, pp 159 -211.

ROHDEN, Fabíola. Feminismo do Sagrado: o dilema “igualdade/diferença” na perspectiva de teólogas católicas. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Janeiro, Rio de Janeiro, 1995

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação & Realidade, v.15, nº 2, jul/dez. 1990.

VIANNA, Heraldo Marelim. (2003), *Pesquisa em educação, a observação*. Brasília, Plano Editora.